

# CONTRIBUIÇÕES PARA ENTENDER A POLÍTICA REVOLUCIONÁRIA HOJE\*

James Petras

Para compreender o presente e o futuro da política revolucionária é preciso fazer uma análise histórica dos últimos cinquenta anos. Uma investigação histórica sobre a esquerda é um projeto complexo que deve reconhecer o desenvolvimento das lutas nos diferentes continentes, as tendências contraditórias, as vitórias e limitações, as tradições de curto e longo prazo, a relação entre política e economia (o impacto do crescimento ou o da crise na revolução), em uma palavra, uma análise detalhada que desafie os imperativos intelectuais daqueles que pretendem definir os “processos mundiais” através de visões de economistas e de caráter etnocêntrico.

No meio dos intelectuais, inclusive os acadêmicos, há uma separação drástica de gerações entre aqueles que, de uma parte, abraçaram múltiplas formas, ainda que criticamente, do “neoliberalismo” ou se inclinaram diante “da ideologia mais vitoriosa da história do mundo” e sua “visão sistemática e coerente”, e, de outra, aqueles que ativamente estiveram escrevendo, lutando e construindo alternativas, tanto socialistas como de outro tipo.<sup>1</sup>

O papel dos intelectuais no processo de transformação social é complexo e significativo, mas nunca decisivo. Eles refletiram os deslocamentos de poder entre as classes, mais do que definiram

posições “independentes” e “realistas”, como às vezes reclamam de modo auto-enganoso. Historicamente, as grandes massas de intelectuais se inclinaram, no melhor dos casos, a favor dos movimentos democráticos e nacionalistas e contra os regimes coloniais, ditatoriais ou fascistas. Seu apoio aos movimentos e fatos sociais revolucionários foi transitório, contraditório e limitado. O grosso da *intelligentsia* russa se opôs à Revolução de Outubro; da mesma forma se deu com a chinesa, vietnamita e cubana, logo que essas revoluções se voltavam para políticas igualitárias e enfrentavam os bloqueios imperialistas dos Estados Unidos, etc.

Durante períodos de ascensão contra-revolucionária, depois de derrotas temporárias ou históricas, muitos dos antigos intelectuais radicais regressavam a suas “origens de classe”, perseguindo vantagens pessoais, descobrindo as virtudes das ideologias de direita (por exemplo, o caso do espiritualismo na Rússia, entre 1906 e 1910) e convertendo seu desespero e isolamento numa doutrina sobre o invencível e irreversível da direita dominante. Junto à sua prostração diante do poder, do realismo e da eloquência da direita está sua estigmatização da esquerda, suas derrotas, erros, fracassos, enganos, auto-enganos, etc.<sup>2</sup> Dessa posição “arrependida” emerge o que C. Wright Mills chamava de “realismo irracional”, que é uma espécie de teorização que se sustenta numa configuração particular unidimensional do poder atual – como se fora a Realidade –<sup>3</sup> e na derrota da esquerda, como ponto de partida de um novo pensamento político.

\* Publicado originalmente em *Herramienta. Revista de debates y crítica marxista*, <http://www.herramienta.com.ar/top.php>. Tradução de Antonio Roberto Bertelli.

Esse tipo de pseudoteorização dos desenvolvimentos do passado, presente e futuro da esquerda carece de qualquer profundidade histórica. Através da lente de um entusiasmo juvenil perdido e da impotência intelectual de meia idade, surge uma visão contemporânea do horizonte de uma esquerda estéril, carente de qualquer traço redentor, tal como não seja a forte luz que emana dos sócios intelectuais do derrotismo histórico.

O propósito deste ensaio é mostrar que a visão do passado da esquerda é muito mais complexa e contraditória do que uma fotografia do conformismo dos anos 1950, a explosão revolucionária dos anos 1960 e 1970 e o fracasso dos anos 1980-2000.<sup>4</sup> Afirmo que as forças culturais e ideológicas em jogo nesses períodos eram opostas e refletiam as realidades políticas contraditórias do imperialismo euro-norte-americano, suas limitações e os desafios radicais e revolucionários que o enfrentavam, tanto externa como internamente.

Uma análise do contexto atual requer um estudo fundamentado das realidades objetivas e subjetivas, um tipo de análise que resista à tentação de supervalorizar a atual configuração do poder e de minimizar a esquerda naquilo que seria uma autoflagelação para expiar a excessiva exuberância do passado (uma espécie de *mea culpa*). Isso é importante para esvaziar de antemão qualquer pretensão de se levar para além do justo, para uma espécie de intelectualismo apolítico, misterioso e autocompassivo.<sup>5</sup>

## INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA: OS ANOS 1950 E 1960

O desenvolvimento desigual das políticas de esquerda entre Norte e Sul nunca foi tão marcante como nos anos 1950: na África, Ásia e América Latina houve levantes de esquerda. Na Argélia, Indochina, Cuba, Coréia (entre outros países) se desenvolveram lutas históricas de alcance mundial, envolvendo milhares e milhares de revolucionários, que enfrentaram o imperialismo euro-norte-americano e suas clientelas neocoloniais. Nos Estados Unidos e Inglaterra este foi um período de relativa “calma”. Mas é uma distorção monstruosa

referir-se aos anos 1950 como um período de “conformismo”.<sup>6</sup> Inclusive na Europa, Itália, França, Grécia (apesar de sua derrota na guerra civil) e Iugoslávia, poderosos partidos comunistas de massas se comprometeram com políticas classistas (exceto diante da luta anticolonialista). Como também no Leste da Europa se deram levantes contraditórios de trabalhadores na Alemanha do Leste, Polônia e Hungria e apareceu em cena um cinema crítico *underground*. Só um cego eurocentrismo poderia subestimar a importância da luta dos anos 1950 ao focar o surgimento da esquerda dos Estados Unidos e Inglaterra nos anos 1960. A interconexão dessas lutas (a ação extraparlamentar contra a guerra da Argélia no início dos anos 1960) criou a atmosfera para os levantes posteriores da mesma década, assim como as antigas vitórias dos vietnamitas nos anos 1950 estabeleceram o cenário para o surgimento do movimento contra a Guerra do Vietnã nos Estados Unidos.

O materialismo histórico descreve a interconexão dos processos políticos através do tempo e do espaço. Nada tem a ver com tiradas anedóticas que recolhem e elegem “fatos” que encaixem numa atmosfera conservadora. A questão teórica é que o desenvolvimento desigual das políticas de esquerda através do espaço e do tempo desafia os ditados políticos que refletem conjunturas particulares em regiões específicas. De um ponto de vista metodológico, o desenvolvimento das lutas de massas sem “teóricos” (pelo menos no sentido anglo-norte-americano do termo) não diminuem sua significação como movimentos históricos definitórios, como Sartre e Sweezy reconheceram mais tarde durante suas visitas a Cuba no início dos anos 1960.<sup>7</sup>



Perry Anderson

De uma perspectiva marxista, o fato de que as lutas revolucionárias surgiram em países de baixo nível geral de “forças produtivas”, mas de alto nível de relações sociais de exploração, fortaleceu as perspectivas teóricas que puseram em relevo a centralidade da ação humana, desacreditando o argumento mecanicista “das forças de produção” que havia sido utilizado pelos social-democratas e comunistas europeus para justificarem as suas políticas neocolonialistas, sejam ativas ou passivas. Mas, assim como os anos 1950

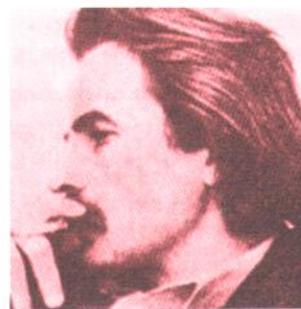
não foram um período de conformismo universal, tampouco os anos 1960 foram em todas as suas manifestações uma era de uniforme erupção revolucionária.

Ainda que nos anos 1960 houvesse claramente uma ascensão das lutas de massas na América do Norte, Europa e regiões do Terceiro Mundo, também tiveram lugar importantes retrocessos em países-chave e graves contradições e tendências em conflito dentro dos movimentos de massas.

Teoricamente, os resultados foram de uma reavaliação positiva e de um desenvolvimento criativo do pensamento marxista e sua extensão a novas áreas de trabalho intelectual e a novas áreas problemáticas. A forte atividade dos trabalhadores rurais e dos camponeses, que foi a base da guerrilha e dos movimentos sociais na Indochina, em Cuba e outros países, levou alguns marxistas a reexaminar o papel do campesinato e da luta rural em suas teorias da revolução.<sup>8</sup> Do mesmo modo, as sangrentas intervenções imperialistas euro-norte-americanas em Cuba, Indochina, no Congo e em outras zonas forçaram alguns marxistas ocidentais a incorporar o imperialismo em suas análises. Passou-se a ler os novos teórico-ativistas não-ocidentais, como Fanon, Cabral, Guevara, e estes influenciaram militantes euro-norte-americanos e a não poucos grupos marxistas ocidentais. O lado negativo desse “intercâmbio intelectual” foi a influência que alguns marxistas ocidentais tiveram nas lutas do Norte e do Sul. O livro de Régis Debray *Revolução na revolução*, com sua doentia, mal informada e distorcida teorização da revolução cubana e suas palavras de ordem militaristas e elitistas cobrou um alto preço em vítimas da esquerda revolucionária da América Latina.<sup>9</sup> Sua posterior auto-enganosa e abortada tentativa de unir-se ao movimento guerrilheiro de Che Guevara levou à sua captura, interrogatório e à subsequente quebra de informações acerca da localização das guerrilhas e a matanças entre elas. Debray logo foi libertado e tornou-se mais tarde um assessor do regime neoliberal de Mitterand, um apologista da bomba nuclear francesa e um autoproclamado chauvinista. Isso não lhe impediu de continuar a manter entre alguns setores da esquerda anglo-norte-americana um alto prestígio intelectual, com base em algumas banais meditações sobre os meios de comunicação e, ainda mais, por uma arrogante entrevista com o subcomandante Marcos, dos zapatistas.<sup>10</sup>



E. P. Thompson



Régis Debray

Se Debray foi um emblema das influências negativas das esquerdas européias sobre o Terceiro Mundo, Althusser e seus seguidores elaboraram uma plataforma intelectual carente de qualquer significado operativo, um conjunto de proposições abstratas de elegante dedução lógica, mas irrelevantes para as lutas práticas ou a realidade concreta.<sup>11</sup> E. P. Thompson, Poulantzas e Milliban mergulharam em debates teóricos que contribuíram para ampliar a compreensão das esferas do “político” e do “cultural”, mas, ao mesmo tempo, ignoraram o problema do imperialismo, particularmente do Estado imperialista. Thompson, numa espécie de amnésia etnocêntrica denegria o significado das lutas entre o imperialismo e o Terceiro Mundo como a mais grandiosa fonte de ameaças para a guerra nuclear. Para Thompson, a ameaça da guerra nuclear residia na Guerra Fria entre a Otan e a União Soviética.<sup>12</sup> Manteve seus pontos de vista eurocêntricos apesar dos dados publicados que revelavam que as maiores ameaças da guerra nuclear ocorreram durante o bloqueio a Cuba, em 1962, na Indochina em 1954, durante as primeiras etapas da Guerra da Coreia e no Vietnã, no final dos anos 1960. Quando publiquei um ensaio para *Spokesman* (editada por Ken Coates), criticando a tese de Thompson, ele decidiu não responder.<sup>13</sup> Lendo os debates entre Milliban e Poulantzas sobre o Estado capitalista, ninguém jamais poderia se inteirar de que os mais importantes recursos ideológicos e econômicos e instituições do “Estado capitalista” dos Estados Unidos estavam envolvidos numa importantíssima guerra imperialista. Os anos 1960 foram testemunha de um grande desenvolvimento de criatividade intelectual, mas com limitações significativas no político e no intelectual.

Os movimentos de massas contra as guerras e as insurreições urbanas dos negros e os movimentos

em prol dos direitos civis nos Estados Unidos, e, de maneira mais significativa, na França e na Itália os movimentos operário-estudantis fizeram surgir questões políticas fundamentais e, nos últimos países, os tópicos do poder do Estado. O ressurgimento da esquerda pôs fim aos ideólogos do “fim das ideologias”, como Daniel Bell, as considerações pessimistas dos teóricos das “elites do poder”, como C. Wright Mills, e os que propunham “o século (norte)americano”, como Henry Luce.

De igual modo, o surgimento da esquerda marginalizou e descreditou os ideólogos social-democratas que haviam se bandeado para o lado do imperialismo ocidental em nome dos “valores democráticos”.<sup>14</sup> De maneira bastante curiosa, muitas dessas idéias descreditadas, como o domínio total e sem precedentes dos Estados Unidos, a ausência de oposição e a ausência de uma ideologia de esquerda foram recentemente recicladas num artigo de Perry Anderson, ironicamente intitulado “Renovações”.

Emergiu uma nova geração de marxistas e escritores da Nova Esquerda e ativistas que se relacionaram com o melhor da velha geração de intelectuais-ativistas: Lelio Basso, Ernest Mandel, J.-P. Sartre, Herbert Marcuse, Bettelheim, Hal Draper, Sweezy, E. P. Thompson, para mencionar alguns. A esquerda dos anos 1960 era multifacética, mesmo quando os difusores e depois os historiadores não viram e descreveram mais do que uma única dimensão: o que se denominou “Nova Esquerda”, as efêmeras celebridades do *rock* e os místicos e poetas apocalípticos e cheios de droga.<sup>15</sup> Na realidade, a esfera política e cultural da esquerda dos anos 1960 foi um rico mosaico de movimentos contraditórios e conflitivos. Nos Estados Unidos, por exemplo, o mais importante comitê de

mobilização contra a Guerra do Vietnã foi fortemente influenciado pelos trotskistas, particularmente na cidade de Nova York; as campanhas anti-racistas na área da Baía de São Francisco estiveram influenciadas por um jovem grupo de comunistas, o WEB Dubois Club. A conseqüente tentativa de fazer equivaler a esquerda dos anos 1960 com a “Nova Esquerda” e posteriormente com os SDS (Estudantes por uma Sociedade Democrática) foi um exercício em proveito próprio de antigos SDS que haviam se transformado em historiadores acadêmicos e reclamavam possuir um conhecimento a partir de dentro do movimento. O SDS colocou-se deliberadamente à margem dos mais importantes movimentos antibelicistas, não foi aceito como aliado pela maioria dos setores militantes do movimento “Poder Negro” e, além do mais, foi um fator insignificante no movimento estudantil de Berkeley.<sup>16</sup>

A esquerda intelectual abrangia vários estilos: uma tendência intelectual estava comprometida ativamente em relacionar as grandes questões do regime de propriedade às lutas e se comprometeu diretamente nisso. Outra tendência incluía os sumos sacerdotes da teoria abstrata (“estruturalistas”), que lançaram as bases do “pós-estruturalismo”, teceram teorias e se envolveram em debates insignificantes e intermináveis sobre quantos modos de produção podiam “articular-se” numa formação social. Uma terceira tendência compreendia intelectuais de tipo antiintelectual e “populista”, que aderiram e teorizaram sobre o protesto apolítico e seus empresários roqueiros, como os mais significativos e “novos meios da política”. Finalmente, estavam os marginalizados profissionais anticomunistas social-democratas, que publicavam longas arengas nos meios de comunicação pró-imperialistas, lamentando as ilusões dos estudantes de esquerda sobre o “stalinismo”, a saber, o apoio da esquerda às lutas da Frente de Libertação Nacional do Vietnã.

A esquerda programática, que combinava trabalho intelectual com atividade prática, comprometia-se num difícil combate em duas frentes: de uma parte, contra as celebrações antiintelectuais da “música *rock* revolucionária”, e, de outra, contra os obscuros e não-comprometidos “aparelhos” intelectuais dos teóricos “estruturalistas” de gabinete. O assim chamado movimento contracultural foi de forma deliberada um individualismo introvertido e retrógrado que mais tarde



Ernest Mandel



Charles Bettelheim

se prestou facilmente (e muitos de seus praticantes) a ser absorvido pelos ideólogos do “populismo de mercado”: operadores da bolsa viciados em droga, revendedores de tecnologia da informação de cabelos longos e escritores de palavras de ordem *hip-hop* para empresas de relações públicas.

A política do governo federal norte-americano a respeito das drogas, que é de fato de *laissez-faire*, levou à sua entrada e consumo em massa nos guetos e entre os ativistas de esquerda, retirando da política muitos deles. O ópio se transformou no ópio da esquerda. Burroughs, Ginsberg e seus acólitos promoveram uma filosofia mais perto das idéias místicas e reacionárias de Ayn Rand do que das de Karl Marx.

O que passou por uma “crítica radical” do capitalismo foi uma reflexão passageira sobre um etilo de vida que terminou aderindo a um “individualismo” egocêntrico e levou diretamente ao estilo próprio da “direita livre-empresarial” dos anos 1990.<sup>17</sup> A esquerda do tipo “sexo, drogas e *rock*” calou profundamente no movimento político: seus sons roucos e seu fervor evangélico arrastou grandes multidões. Pois bem, a natureza das massas vai e vem. A maior parte dos trabalhos acadêmicos da contracultura nada mais era do que mistificação populista para manifestações adolescentes e pessoas de meia-idade de adolescência tardia. Mas o mais significativo é a forma rápida e decidida com que os roqueiros se uniram à classe capitalista enquanto opiniões, rendas, tendências acionárias e estilo de vida. Mick Jagger Incorporated, com seus 250 milhões de dólares em ativos, ainda rebola sua bunda magra diante das multidões e canta seu “lutador de rua” (*street-fightin man*) ao mesmo tempo em que se encontra com operadores de bolsa e investidores nas suítes dos hotéis. Jerry Garcia, o líder dos Grateful Dead, foi informante da polícia por muitos anos, enquanto envolvia amigos e seguidores.<sup>18</sup> Os Beatles, os mais formais, proletários de Liverpool, com roupas normais eram todo um modelo para os novos *hippies* milionários da tecnologia da informação. A música *rock*, os músicos e contraculturalistas não “criaram” o movimento político, mas viveram dele e mais tarde abandonaram os ocasionais concertos em benefício da esquerda, quando a luta

começou a declinar, mantendo, contudo, seus costumes “populistas” e sua retórica, enquanto faziam giros para se encherem de dólares.

O aspecto-analítico chave é que o estilo “evangélico” da cultura do *rock* despolitizou profundamente a formação de uma emergente juventude de esquerda, arruinando a política programática em nome de “estilos de vida” radicais, e destruiu física e mentalmente muitos jovens com seu excesso de droga e seu pseudo-ethos de antitrabalho. Enquanto os roqueiros contavam com dinheiro para vagabundear por aí, ingressar em clínicas de desintoxicação e pagar advogados caros para retirá-los da prisão, a maioria de seus seguidores vagava sem propósito algum, dormia na sarjeta, era empurrada para trabalhos “lumpen” ou acabava estirada em prisões ou asilos.

O ponto teórico a ser levado em conta é que há laços entre algumas variantes de vida cultural e intelectual dos anos 1960 e 1970 e o giro para a direita dos anos 1990: junto às diferenças substanciais no que se refere à atividade política nos dois períodos, particularmente no mundo anglo-saxão, há uma ponte entre práticas culturais e valores individuais pseudo-radicalis comuns a ambos os períodos. Na Inglaterra, a herança nos anos 1990 da cultura *rock* dos anos 1960 foi um “lutador de rua” milionário sagrado cavaleiro do rei. Nos Estados Unidos foi Jerry Garcia, o promotor de políticas de drogas dos anos 1960, que levou à conversão mediática entre *hippies* e *yuppies*. A “rebelião” contracultural dos anos 1960 carregava a semente do mercantilismo do consumo maciço dos anos 1990.

A significativa ofensiva político-cultural nos anos 1960 e princípios dos anos 1970 encontrava-se na politização dos recrutas e na difusão da ideologia antimilitarista nas Forças Armadas e no público em geral, levando a uma virtual paralisação do Exército que contribuiu para o término da guerra na Indochina. Essa transformação político-cultural acabou com o recrutamento e levou à maior redução do orçamento militar do período da Guerra Fria. Igualmente contribuiu a longo prazo para a redução do uso de tropas de infantaria para combates no exterior.



Jerry Garcia

Os movimentos e as lutas transformaram-se em “objetos” sobre os quais se devia escrever e não com os quais se comprometer.

Na esfera da música, cantores contra a guerra, como Joan Baez e Phil Ochs, tiveram uma influência importante. Malcolm X, Che Guevara e centenas de intelectuais-ativistas fizeram grandes contribuições para dar forma à cultura antimilitarista. Surgiram poderosos movimentos sociais entre as mulheres, minorias raciais e ambientalistas, que ampliaram e aprofundaram o pensamento e a prática radical. Dentro desses movimentos apareceram importantes divisões entre os liberais, que pressionavam por uma adaptação limitada ao poder capitalista, e aqueles que questionavam o regime de propriedade. Essas divisões continuaram ao longo do meio século seguinte, com uma ala que adotou uma posição pseudo-radical pós-moderna enfatizando políticas de “identidade”, enquanto outros trabalhavam numa perspectiva muito mais próxima da análise de classe.

Há dois aspectos que devem ser salientados nesta análise: os “novos movimentos sociais”, inclusive nos anos 1960, estavam politicamente divididos em radicais e liberais. Em segundo lugar, a adaptação que se deu nos anos 1990 por parte de alguns líderes reflete simplesmente suas origens históricas e não a totalidade dos movimentos, tampouco é uma novidade particular da ascensão do capitalismo nos anos 1990, como afirma Anderson.

No campo do cinema, as políticas dos intelectuais acadêmicos apolíticos refletiram-se nas posturas de vanguarda da elite dos *Cahiers du Cinéma* e na *nouvelle vague*, enquanto os intelectuais-ativistas seguiram de perto o cinema e os documentários de Cuba. Entre eles há que mencionar Gillio Portocarrero, Costa Gavras, Littin e filmes como a *Batalha da Argélia*, *Queimada*, *Z*, *Missing* e a *Batalha do Chile*. Esses filmes e seus realizadores conseguiram se comunicar com dezenas de milhares de ativistas, catalizando um novo avanço estético que relacionou a arte com a política.

Deram-se profundas divisões entre os marxistas ocidentais e os escritores antiimperialistas. Os

primeiros negavam a significação das lutas revolucionárias de massas na Indochina, América Latina e África do Sul. O “terceiro-mundismo” transformou-se num carimbo pejorativo generalizado entre os marxistas ocidentais, que se dedicaram exclusivamente aos acontecimentos “dos países capitalistas avançados” e, mais particularmente, em suas próprias campanhas antinucleares, investigações bibliográficas e polêmicas triviais em seus periódicos literopolíticos. Os antiimperialistas contribuíram com teorizações, análises e polêmicas sobre as contradições entre o imperialismo e o Terceiro Mundo, as estruturas internas de classe e as perspectivas revolucionárias. Entre os últimos, alguns trabalharam a partir de uma ótica “globalista”,<sup>19</sup> enquanto outros o fizeram do ponto de vista de uma análise de classe. Os primeiros escreveram de fora das classes e das lutas políticas nos países imperialistas, imagens invertidas de seus adversários “marxistas ocidentais”. Os últimos, ao contrário, fixaram-se de forma otimista numa eventual aliança por meio da divisão interna do império, baseados nos movimentos de Maio de 1968, e da Itália em 1969.

É importante salientar que os intelectuais no geral entraram em cena tarde, depois que os movimentos de massas se fortaleceram e adquiriram dimensões nacionais, e também logo se afastaram de um compromisso ativo com eles. Para muitos deles, o maior êxito foi forçar os administradores das universidades a aceitar os intelectuais de esquerda como acadêmicos. Por sua vez, muitos intelectuais de esquerda transformaram o pensamento de esquerda acadêmico “institucionalizado” em parte de sua vida profissional e deixaram de escrever de uma perspectiva política.

O marxismo acadêmico, com seus periódicos, conferencistas e debates, contribuiu para engrossar os *curriculum vitae*, facilitar promoções e ainda levou à formação de centros de investigação financiados pelo Estado e, mais ainda, à obtenção de posições de prestígio para os mais “empreendedores”. Os movimentos e as lutas transformaram-se em “objetos” sobre os quais se devia escrever e não com os quais se comprometer. Os intelectuais institucionais do Ocidente, em particular depois dos golpes de Estado na América Latina, introduziram seus colegas exilados do Terceiro Mundo na vida do esquerdismo acadêmico das fundações (bem providas de fundos), um mundo no qual a

“existência material” do acomodamento e das normas do êxito assegurariam uma evolução para o esquerdismo político-literário apolítico. Os anos 1960 foram um complexo período de compromisso político intelectual. A abertura de instituições acadêmicas se transformou em “campo de batalha” e veículo para a mobilidade social e o acesso a prestigiosos periódicos da cultura dominante.

## CONTRA-REVOLUÇÃO NA REVOLUÇÃO

No auge da efervescência dos anos 1960 ocorreram acontecimentos abomináveis: os golpes de Estado da Indonésia e Brasil, apoiados pelos Estados Unidos, aniquilaram milhões de ativistas no princípio da década e aniquilaram a esquerda. Tratava-se de dois dos maiores e promissores países do Terceiro Mundo. A Revolução Cultural chinesa, que começara como um desafio igualitário ao poder burocrático, tornou-se um instrumento para confrontos entre diferentes facções da elite, alienando os ativistas, esvaziando de conteúdo as palavras revolucionárias e lançando as bases para a ascensão das forças da restauração capitalista no final dos anos 1970. As revelações pós-estalinistas de Kruchev puseram em evidência o aparelho repressivo estalinista ao mesmo tempo em que favoreciam o surgimento de uma nova geração pró-ocidental de ambiciosos profissionais, funcionários e operadores do mercado negro.

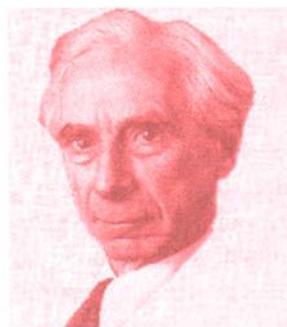
Ao mesmo tempo que o “marxismo soviético” se transformava numa ideologia de Estado manipulada por uma elite relativamente privilegiada, os níveis de vida da população soviética melhoraram significativamente com emprego para todos, livre e maciço acesso à assistência médica, moradia a baixo custo, educação gratuita e férias de um mês para os trabalhadores. Essas melhorias socioeconômicas e políticas na União Soviética passaram despercebidas para importantes setores da Nova Esquerda, que continuaram esgrimindo sua antiquada retórica “antiestalinista” em vez de realizar uma análise ponderada da complexa e contraditória realidade soviética.

Como disse uma vez um editor da *New Left Review* durante o idílio trotskista com o movimento Solidariedade da Polônia, movimento financiado pelo Vaticano e a CIA: “qualquer coisa é preferível

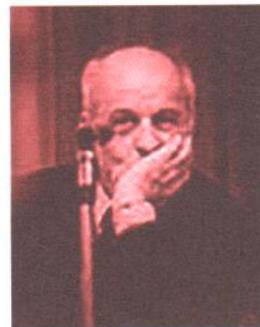
ao estalinismo”.<sup>20</sup> Em conseqüência, a semente que levaria à catástrofe russa dos anos 1990 foi semeada pela estalinofobia dos anos 1960 e 1970.

Houve brilhantes intelectuais que falaram e agiram contra as pressões e seduções do imperialismo: a recusa de J.-P. Sartre ao Prêmio Nobel e sua colaboração com Bertrand Russell e Lelio Basso na organização dos Tribunais Russell sobre a Indochina (e depois sobre a América Latina) ofereceram um apoio europeu para as vítimas e lutadores contra o genocídio norte-americano.

Qualquer esforço cuidadoso para investigar e comparar o presente período com as quatro décadas anteriores tem a obrigação de ir além das simplificações dicotômicas que não consideram as contradições e contracorrentes, as potencialidades assim como as limitações em cada ascensão e queda das lutas populares. Isto é particularmente relevante se olharmos os movimentos culturais e intelectuais, onde se deve ser cuidadoso no separar as preferências pessoais por certo tipo de filmes ou música de seu impacto e influência política real. O que resulta politicamente desonesto é passar por alto sobre as contratendências do passado (em particular os anos 1960 e 1970) e do presente com a pretensão de fazer um retrato em preto e branco. Esta metodologia define as lutas e os movimentos por uma espécie de ditado intelectual que determina que o ambiente político dos anos 1960 foi revolucionário e o dos anos 1990 foi um período em que a esquerda, o marxismo e as lutas sociais significativas não têm nenhuma importância e no qual reina a hegemonia suprema e incontestável dos Estados Unidos.<sup>21</sup> Isto apenas não representa somente uma velada política reacionária, mas uma análise social e política mesquinha, carente de toda sustentação histórico-teórica. Uma teorização



Bertrand Russell



Lelio Basso

unilateral distorcida por uma atmosfera pessimista e um mal-informado método caprichoso com a ciência produzem um método anedótico mais parecido com as argumentações dos advogados, nas quais a seleção de alguns fatos substitui a cuidadosa análise das realidades complexas e cambiantes dos anos 1990 e do novo milênio.

## RESTAURAÇÃO, IMPERIALISMO E REVOLUÇÃO NOS ANOS 1990

Não se pode compreender os anos 1990 simplesmente estabelecendo um “manifesto político” que proclama o domínio supremo dos Estados Unidos, que não existem mais lutas revolucionárias,<sup>22</sup> que a ideologia de direita é coerente e sistemática,<sup>23</sup> que as idéias de esquerda foram cooptadas e se tornaram fragmentárias e irrelevantes.<sup>24</sup> Tampouco podemos falar de uma década como de um “todo” coerente sem levar em conta as crises que a iniciaram, o burburinho especulativo que explodiu ao final da mesma, a instabilidade e volatilidade que se deram entre ambas as situações. Da mesma forma não podemos deixar de lado a aguda e profunda oposição à intervenção imperialista dos Estados

Unidos que precedeu à Guerra do Golfo nem a crescente onda de resistência à dominação econômica euro-norte-americana no final da década. É o cume de uma deliberada miopia ignorar as derrotas do imperialismo e o surgimento de significativos movimentos antiimperialistas no Terceiro Mundo e das lutas de massas que colocam em julgamento todo o repertório da política

imperialista “neoliberal”, seus avalistas financeiros internacionais e seus apoios políticos domésticos.

Não há dúvida de que houve vitórias imperialistas significativas e retrocessos severos na esquerda, que devem ser levados em conta. Mas certamente só um juízo apressado e a-histórico pode pretender que a década foi um período histórico de derrotas sem precedente, que perpassa toda a história anterior.<sup>25</sup> Do início dos anos 1930 até o

princípio dos anos 1940 a esquerda foi totalmente destruída na maior parte da Europa (Alemanha, Itália, Rússia, Espanha, Hungria, Japão, Polônia, etc.) ou reduzida a uma sombra de sua influência anterior (França e Noruega) ou isolada dos principais centros de poder (China e Indochina, etc.) ou assimilada pelos regimes imperialistas (Inglaterra e Estados Unidos). Dezenas de milhões de trabalhadores, camponeses e outros foram assassinados; centenas de milhões foram oprimidos por tiranos sangrentos que nem sequer permitiram a presença de organizações elementares de classe. Logo houve teóricos, tanto na direita como na esquerda, que viram a nova ascensão do poder fascista ou “burocrático” (Burnhan) como “a onda do futuro” (Lindbergh),<sup>26</sup> indomável e todo-poderosa. Nas zonas ocupadas, alguns intelectuais se voltaram para a atividade filosófica ou literária (Sartre, Camus). O fascismo e o imperialismo surgiram da crise econômica capitalista do Leste e do Oeste e ante a passividade da esquerda. Os social-democratas na Alemanha e Áustria se ofereceram para dividir o poder com os nazistas até que foram tirados a patadas de seus postos, alguns foram encarcerados, outros se exilaram e uns poucos permaneceram na Alemanha sem serem molestados.

Assim, nada parecido aconteceu nos anos 1990, apesar da sangrenta repressão e dos bombardeios imperialistas no Iraque (1 milhão de mortos), Iugoslávia (milhares) e em outras partes. Mais ainda, a violenta reação dos Estados Unidos foi mais severa nos anos 1960-1970 e nos anos 1980. Entre 1965 e 1976 foram assassinados 4 milhões de pessoas na Indochina e 50 mil no Cone Sul da América Latina (Chile, Argentina, etc.). Entre 1979 e 1989 os Estados Unidos, com seus esquadrões da morte e seus regimes terroristas dependentes, mataram cerca de 300 mil trabalhadores, camponeses e outros na América Central somente, sem falar dos milhões que mataram em guerras empreendidas por seus agentes em Angola, Moçambique, Afeganistão e Camboja.

Nenhuma discussão séria da “hegemonia” dos Estados Unidos nos anos 1990 pode deixar de lado as sangrentas guerras imperialistas e de classe que precederam a década, assim como tampouco pode elidir a análise das relações de superexploração de classes nem dos regimes servis ao poder imperialista que surgiram.<sup>27</sup> A “hegemonia” dos Estados Unidos, um conceito bastante vazio que exagera o papel da

O fascismo e o imperialismo surgiram da crise econômica capitalista do Leste e do Oeste e ante a passividade da esquerda.

“persuasão política”, é totalmente inapropriado quando se considera o alcance e a profundidade da violência no passado recente e, no presente, sua contínua utilização de maneira seletiva, mas evidente.<sup>28</sup>

O aspecto teórico que se deve destacar é que o poder imperial foi cíclico, baseado em relações políticas e sociais e na violência do Estado, mas nunca “totalmente dominante” (inclusive nos assim chamados “regimes totalitários”) e certamente resultou mais destrutivo e dominante em outras décadas do século XX. Desta perspectiva histórica então podemos deixar de lado algumas dos discursos dos marxistas ocidentais, prostrados diante do império dos Estados Unidos.<sup>29</sup>

Mas não se trata somente de argumentos históricos que refutam os “prostrados”; há uma quantidade crescente de evidências que desafiam claramente a tese de um poder imperial incontestável dos Estados Unidos, tanto nas esferas sócio-política, diplomática como econômica. No decorrer dos anos 1990, e na maior parte do planeta, significativos movimentos de esquerda de caráter antiimperialista, socialista e populista confrontaram a autoridade dos regimes clientes do imperialismo, as instituições financeiras internacionais do poder imperial e, mais especificamente, o programa político neoliberal.

Demonstrações de massa de sindicatos, organizações comunitárias, ecologistas, camponeses, estudantes, feministas e muitas outras em Seattle, Washington, Melbourne, Praga, Nice e outras cidades ocidentais manifestaram-se contra os ditames das classes dominantes do imperialismo. Centenas de milhares de pequenos produtores da Índia organizaram-se para derrotar a intromissão das corporações multinacionais de biotecnologia, químicas e agropecuárias dos Estados Unidos e da Europa, que procuram se apropriar das variedades agrícolas locais e impor o controle “monopólico” sobre as sementes (movimentos dificilmente catalogados como “arcaicos”, como o fariam alguns marxistas ocidentais). Em todos os continentes, os camponeses e granjeiros, grupos de consumidores e sindicalistas (apesar das cúpulas burocráticas) combateram as multinacionais, bloquearam estradas, encerraram parlamentos e ofereceram uma compreensão mais profunda do que nunca do papel que o FMI e o Banco Mundial desempenham. O alcance, a profundidade e consistência desses

movimentos variam segundo a região e o momento histórico. Algumas expressões são permanentes e em grande escala, outras são maciças e formadas por diversas coalizões, mas todas elas compartilham uma oposição comum à dominação imperial. Em algumas regiões houve avanços significativos, vitórias políticas e econômicas, ajudando na acumulação de forças e radicalização da luta. Em outras, ondas de ação social maciças são seguidas de refluxos e reagrupamentos de forças.

Esses movimentos revolucionários e radicais são diferentes dos das épocas anteriores e devem ser examinados no novo contexto. Alguns movimentos dos anos 1990 surgem dos primeiros programas marxistas, outros introduziram uma integração mais ampla e profunda da multiplicidade de lutas no turbilhão dos movimentos anticapitalistas e, pelo menos, contra as grandes empresas.

Além dos crescentes movimentos de consumidores (a oposição aos alimentos manipulados geneticamente, à doença da vaca louca e outras “inovações” induzidas pelas corporações) surgiu uma nova onda de defensores ambientalistas e da justiça social e de feministas que questionam o regime de propriedade. A tentativa de Anderson de misturar os “verdes” com os líderes do partido verde alemão e as feministas com as feministas pró-Clinton é própria de uma pobre investigação e de uma polêmica carente de ética.<sup>30</sup> As novas redes e as lutas organizadas em nível internacional vão além dos esforços desse tipo dos anos 1960.

Do ponto de vista metodológico, é um movimento em falso enumerar os fracassos das instituições de esquerda dos anos 1960 e seus tipos de atividades e tomá-los como equivalentes à ausência de uma esquerda nos anos 1990. É como misturar banana com laranja. Só alguém completamente fora das realidades dos anos 1990 ou que distorceu as dos anos 1960 pode mostrar de forma imutável tamanha compreensão.

Quando o “bloco soviético” desapareceu já nem sequer era parte de uma “cultura marxista” em sua prática, nem interna nem externamente. Suas teorias haviam deixado de exercer grande influência, não só na Europa ocidental e na América do Norte, mas também no Terceiro Mundo. A importância do bloco soviético consistiu em equilibrar o poder imperialista dos Estados Unidos, ser um mercado alternativo, fonte de comércio, investimentos,



FARC



MST

empréstimos e armas; resultava estrategicamente importante como sustentação dos países não-alinhados e de alguns regimes revolucionários, mesmo quando impusesse antolhos e, em alguns casos, políticas prejudiciais àqueles partidos que o seguiam. Nos anos 1990 já não há a pretensão de um centro revolucionário ou de falsos oráculos de verdades revolucionárias. Aparecem, ao contrário, guerrilhas revolucionárias poderosas, como o Exército de Libertação Nacional (ELN) e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), que desafiam o poder do Estado e são reconhecidas como tais por Washington como o maior desafio ao poder imperialista dos Estados Unidos, mesmo quando alguns intelectuais de esquerda mais papistas que o Papa façam sermões sobre a hegemonia indisputável dos Estados Unidos.

Ambas as guerrilhas somam 20 mil homens e contam com o apoio de muitos camponeses e unidades de milícia urbana. Em comparação com os anos 1960, as guerrilhas colombianas dos anos 1990 são muito mais formidáveis do que qualquer predecessor, tanto na influência territorial, capacidade estratégico-política e militar, quanto liderança e maior capacidade de sustentação.<sup>31</sup> Quanto a tamanho, população envolvida, localização geopolítica e recursos econômicos, o confronto Estados Unidos-Colômbia é muito mais [...] significativo do que as revoluções cubana e nicaraguense juntas.

O mesmo pode-se dizer da luta revolucionária de massas do Movimento de Trabalhadores Sem-Terra (MST) no Brasil. Com mais de meio milhão de membros e simpatizantes, dezenas de milhares de ativistas politicamente conscientes (12 mil delegados assistiram ao seu último congresso

nacional, em julho de 2000) as bandeiras do MST de reforma agrária, libertação nacional e socialismo serviram de pólo de organização para grande parte dos movimentos urbanos, sindicalistas de esquerda dissidentes, católicos radicais e intelectuais marxistas. Nenhum movimento rural dos anos 1960 teve a capacidade de ação vitoriosa que o MST demonstrou ao longo dos anos 1990: ocupando milhares de latifúndios, estabelecendo mais de 200 mil famílias (1 milhão de pessoas) e crescendo, apesar do assassinato de centenas de ativistas rurais.

Nenhum movimento extraparlamentar dos anos 1960 foi capaz de construir tão amplas, estratégicas e duráveis alianças com a Igreja, a universidade, o parlamento, os sindicatos e os grupos de direitos humanos como fez o MST. Poucos movimentos de massa dos anos 1960, se existiram, dedicaram tanto tempo e esforço à educação política de seus ativistas e à formação de líderes regionais e nacionais como o MST.

Não se discute se o MST está em posição de desafiar o poder do Estado hoje ou no futuro imediato; todavia, a questão teórica é que numa enorme franja do maior país do hemisfério ocidental há um movimento social de massas autoconfessadamente marxista-heterodoxo desafiando vitoriosamente a dominação imperialista dos Estados Unidos e o regime subserviente de Fernando Henrique Cardoso. O peculiar da situação brasileira nos anos 1990 é a perversa posição tomada por um dos líderes teóricos marxistas da Europa ocidental,<sup>32</sup> que a princípio declarava: “Cardoso pode ser o melhor presidente do Brasil no século”; um juízo de valor que pretendia ignorar a aliança de Cardoso com as forças latifundiárias mais retrógradas do Brasil e a resoluta oposição do MST e de toda a esquerda.

Sem falar que a desastrosa entrega de Cardoso dos recursos mais lucrativos do Brasil ao capital estrangeiro a “preços políticos” fazem dele um *entreguista* sem precedentes no século. Não é surpreendente que esses marxistas europeus e norte-americanos ou ex-marxistas que puseram sua fé nos Cardoso do Terceiro Mundo, ao não realizar estas suas expectativas, sejam os mesmos que agora afirmam a “hegemonia incontestável de poder dos Estados Unidos”.

Se Brasil e Colômbia são dois dos mais poderosos exemplos de desafio ao poder imperialista dos Estados Unidos, há numerosos e significativos movimentos sociais que são pelo menos dignos de menção. Equador, Bolívia e Paraguai têm sido testemunhas de como coalizões de massas camponesas, indígenas e sindicatos organizaram greves gerais de massa capazes de derrubar regimes pró-norte-americanos, paralisaram medidas neoliberais ditadas pelo FMI e polarizaram politicamente esses países.<sup>33</sup>

Agora, seguramente, os “prostrados” vão argumentar que essas lutas são “episódicas” (apesar de serem tão repetidas), não estão “baseadas num partido” (os movimentos extraparlamentares não são levados em conta por eles) e carecem de uma “teoria” revolucionária (de fato, possuem programas detalhados, obviamente diferentes dos exercícios escolásticos sobre “culturas exóticas” que podem ser encontrados nos círculos político-literários irrelevantes de certos intelectuais euro-norte-americanos). Por último, os “prostrados” argüem que as exigências desses movimentos podem ser “assimiladas” pelo capitalismo e seus líderes “cooptados” (em consonância com sua versão “idealizada” da “hegemonia” dos Estados Unidos).<sup>34</sup>

Esses intelectuais ocidentais que tagarelam sobre a “hegemonia” (dos Estados Unidos) se esquecem dos contínuos assassinatos em massa e de líderes populares, do aparelho repressivo de massas e dos esquadrões da morte organizados pelo imperialismo norte-americano, que confia mais na violência tradicional do poder imperialista do que na persuasão associada à “hegemonia”. Alguns intelectuais ocidentais teriam que admitir que há algum tipo de confrontação com os Estados Unidos no Terceiro Mundo (ainda que agora rejeitem o uso deste termo), e não certamente nos países capitalistas “avançados”, como eles diriam, onde se tomam as

mais importantes decisões que afetam o poder mundial. Como Debray disse uma certa vez a alguns amigos na Bolívia, quando era funcionário francês: “O Terceiro Mundo é como um bumbo: muito ruído, mas politicamente sem importância”.

Uma vez mais os “prostrados” passam por cima do significativo crescimento de movimentos sociais nos países imperialistas, cujo alcance e profundidade de oposição ao poder das corporações excede a comparação com movimentos dos anos 1960, tanto em influência como em vitórias parciais. Os óbvios eventos emblemáticos desse novo giro incluem as demonstrações de massa contra o capital internacional em Seattle, Melbourne, Praga, Washington, Londres e outros lugares.

Mesmo com seus componentes contraditórios (protecionistas *versus* internacionalistas) essas demonstrações calam muito mais profundamente no coração do capitalismo do que as vagas palavras de ordem de “fora do Vietnã” dos anos 1960. Diferentemente dos anos 1960, há fortes relações entre sindicalistas, camponeses, estudantes e intelectuais. Naturalmente há intelectuais marginais que não vêem o potencial (e a realidade) radical dessas lutas, porque não encaixa em seus ideais preconcebidos sobre o que deveria ser um movimento revolucionário, mostrando uma vez mais a total ausência de realismo e a inépcia dos “prostrados” para se situarem nas cambiantes realidades políticas dos anos 1990.

Isso fica claramente demonstrado com a ampla e poderosa oposição mundial aos alimentos geneticamente modificados pelas companhias químicas imperialistas. Da Índia até a França e muito além, consumidores, produtores, camponeses, estudantes e trabalhadores lutaram contra os alimentos modificados geneticamente e contra os Estados e regimes que os promovem, com uma violenta e bem fundada paixão que vitoriosamente forçou a Monsanto e outras corporações multinacionais importantes a recuarem.

Se Brasil e Colômbia são dois dos mais poderosos exemplos de desafio ao poder imperialista dos Estados Unidos, há numerosos e significativos movimentos sociais que são pelo menos dignos de menção.

A polarização entre o povo e as grandes empresas, o protesto antiimperialista e a ideologia anticorporativista, junto ao sustentado poder desses movimentos, ao mesmo tempo que se desloca de uma área temática para outra, dá a essas lutas muito mais que um caráter simbólico, transitório e cooptável.

Nesse sentido, é realmente muito raro quando um importante marxista ocidental deprecia esse movimento, e a investigação empírica que o sustenta adere à imprensa pró-biogenética financiada pelas corporações químicas mais reacionárias, apresentando os alimentos manipulados geneticamente como uma verdadeira força revolucionária e apoiando-se na propaganda populista de mercado dos ideólogos da nova economia.<sup>35</sup>

Os novos movimentos radicais comprometidos com lutas extraparlamentares ampliaram e melhoram suas posições com o ressurgimento de ativistas sindicais e trabalhadores que desafiam o consenso existente entre a “nova direita” (os partidos ex-social-democratas e democratas) e a “velha direita”. Essas lutas na França, Alemanha, Noruega e Dinamarca põem em julgamento o programa neoliberal da liberdade de mercados e o esvaziamento do Estado de Bem-Estar. Esses movimentos não são revolucionários

A maioria está a favor de um plano de saúde nacional, aposentadorias pagas pelas empresas, seguro social, política de pleno emprego e regulação estatal dos lucros.

em teoria, mas certamente são pontos de partida para a reconstrução da política classista.

A maior parte dos marxistas compreende que as reformas são o ponto de partida de todas as revoluções no século XX. A questão é como alcançá-las e como relacioná-las com lutas mais amplas. Para os intelectuais “prostrados”, as reformas são simplesmente adaptações ao capital, o qual, argüem eles, possui um poder ilimitado e as concederá, ainda que nenhuma reforma significativa tenha sido aceita no último quarto do século XX.<sup>36</sup>

Mesmo nos Estados Unidos, o grau de hostilidade popular ao capitalismo de livre mercado é evidente em todas as pesquisas ao longo da última década. A maioria está a favor de um plano de saúde nacional, aposentadorias pagas pelas empresas, seguro social, política de pleno emprego e regulação

estatal dos lucros. Uma maioria substancial se opõe ao livre mercado, ao envio de tropas estadunidenses para lutar no exterior, aos atuais níveis de desigualdade, ao domínio corporativo das campanhas eleitorais e à política governamental. Existem movimentos sociais significativos sobre muitos desses temas. Essas atitudes antineoliberais põem em questão a noção de hegemonia da classe dominante norte-americana (as idéias da classe dominante não são as da maioria da população). O problema real não é a “hegemonia”, mas a ausência de democracia representativa: a brecha entre os interesses (e os valores) populares e os da classe política, defensora dos interesses da classe dominante.

Aparte as ações coletivas e as atitudes das maiorias, questionando a hegemonia do livre mercado dos Estados Unidos, a dominação imperialista norte-americana sofreu vários sobressaltos na arena diplomática. Numa das regiões de mais alta importância estratégica (Oriente Médio) e entre os países produtores de petróleo, o Departamento de Estado sofreu vários retrocessos. Irã e Iraque quebraram efetivamente o boicote exigido pelos Estados Unidos e participaram conjuntamente nas conferências internacionais com a Arábia Saudita, o maior fornecedor de petróleo dos Estados Unidos.

Além do mais, a Líbia rompeu o boicote norte-americano e intensificou seus laços com a Europa, em particular com a Itália. A Venezuela sob a liderança de Chávez revitalizou a Opep e desenvolveu laços comerciais e políticos com Cuba, o fantasma de Washington. Isso deixou totalmente isolados os Estados Unidos na Conferência Ibero-Americana das Nações Unidas e na OEA, em relação ao boicote econômico dos Estados Unidos, à lei Helms-Burton e a outros tópicos regionais. Entretanto, estão surgindo rivalidades comerciais agudas e crescentes entre os Estados Unidos e a Europa, apesar de que, ao mesmo tempo, está se aprofundando a interpenetração de multinacionais de lado a lado do Atlântico. Do mesmo modo, enquanto a Otan mantém seu domínio (e, certamente, através dela o dos Estados Unidos), os países europeus estão fazendo esforços para criar sua própria força militar de intervenção rápida para proteger seus interesses imperialistas. A questão é que mesmo quando essas iniciativas européias nada têm de progressistas em si, contrariamente às eloqüentes elucubrações do literato nacionalista

Regis Debray, refletem desafios à noção da hegemonia inexpugnável dos Estados Unidos.

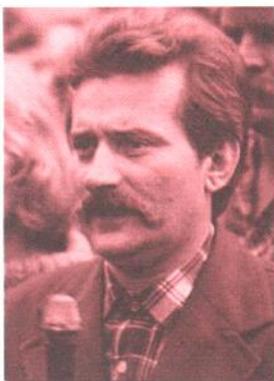
As regiões mais suscetíveis de subestimação por parte dos impressionistas e prostrados intelectuais ocidentais são os antigos países comunistas, em particular a Indochina e inclusive a Rússia e o Leste da Europa. Enquanto que na superfície a China parece arrastar-se sob a hegemonia ocidental (duvidosa em si mesma, já que a maior parte de seus investimentos advém dos plutocratas chineses e do Japão) e certamente seu ingresso na Organização Mundial do Comércio (OMC) vai acelerar enormemente a tomada do controle euro-norte-americano de proporções de seu mercado, empresas e bancos locais, do outro lado do quadro está a crescente maré de protestos de massas desempregadas, trabalhadores fabris explorados e não-pagos, camponeses e peões.

As crescentes desigualdades, a vasta rede de corrupção da qual participam o setor privado, o Estado e o partido, a conspícua opulência asiática que se mostra diante de uma crescente miséria, tudo isso afeta uma população ainda imbuída e consciente dos valores comunistas da igualdade, da retidão e da política de pleno emprego, da saúde e da educação públicas da era comunista. A aberta entrega da soberania da China, dos mercados e suas indústrias, as humilhações acompanhadas de grosseiros atos de agressão militar deliberada, como o bombardeio da embaixada da China e o crescente cerco do território chinês com mísseis (ao qual Washington previsivelmente chamou de “o escudo de mísseis”) provaram sentimentos nacionais e populares inclusive entre os intelectuais e estudantes, que se contam entre os mais notórios grupos pró-ocidentais e pró-capitalistas. No presente, estão lançadas as bases para uma nova guerra civil. A oposição ao programa neoliberal se generalizou e está crescendo, apesar de ser reprimida constante e fortemente. Até os gurus ocidentais da abertura do mercado chinês prevêm uma resistência social séria e a possibilidade de um retorno (como é de se esperar) se se dá um desemprego em massa.

Somar simplesmente a China como um a mais na soma dos países sob a hegemonia norte-americana é

muito fácil. Significa ignorar as profundas contradições estruturais, a pressão igualitária na Revolução Cultural e até, olhando ainda mais para trás na história, os ciclos pendulares entre nacionalismo, socialismo e liberalismo a partir de meados do século XIX. Além do mais, ignora-se o fato de que por baixo do nível dos dirigentes e das abastadas elites privadas há centenas de milhões de chineses que rejeitam a restauração da dominação ocidental e o retorno do que Marx chamou de “toda a velha merda”: humilhação, desemprego, doenças, drogas, caudilhismos regionais, etc. mesmo dentro do aparelho do Partido Comunista há um setor de vacilantes neo-estatistas e nacionalistas que podem aproveitar a oportunidade, se fracassar a atual camada de neoliberais.

No Leste da Europa e na Rússia, a maioria dos mais abertos serviços da hegemonia euro-norte-americana foi freqüentemente rejeitada nas urnas. O partido de Walesa não chegou a dois dígitos percentuais de votos na última eleição presidencial. Na Romênia, Polônia, República Checa, Bielorrússia e outros locais os neoliberais mais fanáticos foram derrotados por ex-comunistas demagógicos, que prometeram medidas socialistas (pleno emprego, fim das imposições ocidentais, em particular medidas de austeridade do FMI), mas logo implementaram políticas liberais. Enquanto em um determinado nível a alternância entre liberais e pseudonacionalistas-ex-comunistas confirmou a hegemonia euro-norte-americana, no nível do comportamento das massas é palpável a rejeição política à dominação imperialista e do livre mercado. Com o fim do Estado de Bem-estar, o pleno emprego e a catastrófica queda sem precedentes dos níveis de vida, produção e saúde na Rússia e no resto da Ex-União Soviética certamente solapou nas massas a confiança no papel positivo da hegemonia dos Estados Unidos.



Lech Walesa

Nenhuma discussão sobre a hegemonia dos Estados Unidos pode depender de anedotas superficiais de turistas sobre os acontecimentos de Cuba.<sup>37</sup> Interpretar como reflexo a opinião pública geral, o comportamento e as expectativas das elites clientes do imperialismo é uma suposição indevida, tanto em seu fundamento metodológico como empírico. Supor que os processos

O partido de Walesa não chegou a dois dígitos percentuais de votos na última eleição presidencial.

eleitorais assumem os interesses dos eleitores e que, de alguma forma, refletem e representam os interesses das maiorias é ignorar a imensa concentração de poder institucional, especialmente nos meios de comunicação de massa, a flagrante manipulação do financiamento das campanhas e o uso da força, a corrupção e a pobreza para alterar e manipular os resul-

tados dos votos e o comportamento dos funcionários eleitos.

### A HEGEMONIA MUNDIAL DOS ESTADOS UNIDOS E SEU DECLÍNIO INTERNO

A chave para se compreender a força relativa da hegemonia norte-americana está em examinar suas bases estruturais assim como suas limitações externas, discutidas mais acima. Embarcar em projeções gerais baseadas numa equivocada leitura dos fundamentos estruturais pode levar ao tipo de desatino monumental como, por exemplo, o de prever um “século asiático”, pouco antes do colapso da Ásia.<sup>38</sup>

Por trás das pretensões de uma hegemonia global, absoluta e sem precedentes dos Estados Unidos estão os argumentos dos ideólogos da Nova Economia, que descrevem um período de expansão econômica norte-americana sem precedentes e sua superioridade econômica baseada em sua avançada tecnologia da informação e sua maior produtividade (leia-se: competitividade). A convergência de pontos de vista entre os intelectuais de esquerda “prostrados” e os ideólogos que vendem o populismo de mercado é um resultado do mesmo método: grandiosas generalizações e celebrações do poder global dos Estados Unidos baseadas numa leitura pobre de um limitado e seletivo agrupamento de dados anedóticos. De fato, os “prostrados” mostram um respeito imerecido pelos principais comunicadores da “globaloney” e sua retórica sobre a Terceira Revolução Tecnológico-Científica. Como descreve um admirador marxista ocidental: “[...] comandando o campo das construções políticas

diretas de nossa época, a direita ofereceu uma visão fluida atrás de outra mostrando para onde vai o mundo, ou onde se deteve [...].<sup>39</sup> Esses ideólogos da direita – nos dizem – “unem uma tese única e poderosa a um estilo popular e fluido”.

Escrito poucas semanas antes do colapso da bolha da Nasdaq, o ano 2000 ofereceu uma viva demonstração do vazio da “tese poderosa” da supremacia econômica dos Estados Unidos, apesar de seu “estilo popular e fluido”. Cada afirmação feita pela “velha” ou “nova direita” (fanáticos da Nova Economia) sobre a economia dos Estados Unidos (e aceitas literalmente pela esquerda prostrada) resultou no melhor dos casos duvidosa, e, no pior, simplesmente vacuidades carentes de qualquer relação com a economia real (simplesmente uma grande fraude, comparável às bicicletas da especulação financeira da Albânia em meados de 1990).

Em primeiro lugar, as pretensões de uma revolução da tecnologia informática simplesmente fracassam em explicar a baixa média de crescimento da produtividade entre 1975 e 1994, em comparação com os vinte anos anteriores à assim chamada “Revolução Informática”. Em segundo lugar, o incremento da produtividade entre 1995 e 1999 foi comparável ao primeiro período (1955-1974) e esteve concentrado no mesmo setor dos computadores, com um pequeno efeito sobre a indústria em geral. Em outras palavras, os fabricantes de computadores se transformaram em mais eficientes fabricantes de computadores. Em terceiro lugar, os estudos mostraram que a pretensão de vantagens derivadas do intercâmbio interativo de informação era basicamente uma falsidade: mais de 60% da informação recebida ou trocada dentro das firmas tinha pouco a ver com os projetos em curso.<sup>40</sup>

Mas a profunda debilidade estrutural dos Estados Unidos não ficava confinada à economia especulativa da tecnologia informática. A expansão dos Estados Unidos no exterior e suas importações exacerbaram um comércio insustentável e o déficit em contas corrente. A economia dos Estados Unidos continua sendo uma economia de consumo, chegando a determinar 75% do produto nacional bruto. O crescente déficit comercial foi coberto com uma emissão de 400 bilhões de dólares anuais.

Com uma economia que se encaminha para a recessão e o dólar debilitando-se, é altamente improvável que os investimentos externos continuem sustentando o dólar norte-americano. Apesar do recorde de emprego no final do ano 2000, esse foi o período de maior crescimento de trabalhadores mal pagos, de pessoas que vivem da caridade, sem nenhuma cobertura médica (cerca de 50 milhões), com um custo da educação que disparou e com dívidas familiares insustentáveis. O obscuro crescimento das desigualdades sociais sob o regime de Clinton (a diferença de renda de um executivo de empresa para um trabalhador saltou para um índice de 470 por 1) foi de longe o resultado das estreitas relações de funcionários sindicais milionários, mais preocupados por ter um fiscal geral tolerante do que um Secretário do Trabalho que apóie as demandas dos trabalhadores. A possibilidade de reviver a economia por meio da intervenção estatal investindo dinheiro para estimular a economia ou do estímulo à demanda, está fora dos parâmetros políticos atuais.

A crise econômica já golpeou vários setores (automóveis, economia da tecnologia da informação, telecomunicações, etc.) e está se estendendo rapidamente. O desemprego está crescendo. A “poupança negativa” e as quedas na bolsa não oferecem novos recursos que possam ser mobilizados para estimular o gasto dos consumidores. Em comércio, investimento, finanças e tecnologia a economia dos Estados Unidos está caminhando para uma crise convergente que ameaça a frágil estrutura neoliberal construída ao redor dos (e para os) Estados Unidos ao redor do mundo. Todos os países do Terceiro Mundo que se desenvolveram com base em estratégias dirigidas para a exportação vão sofrer severamente a profunda recessão norte-americana. A superprodução de bens de consumo e de transportes (principalmente automóveis) encaminha-se para uma maciça dispensa na Ford, General Motors, Chrysler-Daimler, o que vai ter um efeito multiplicador nos fornecedores e no setor de serviços. A economia militar poderia ser revivida, mas não alcançaria, dada a canalização do superávit orçamentário para uma enorme redução de impostos, as grandes empresas. É provável que



Samuel Huntington

esse mesmo superávit desapareça com a recessão e uma drástica queda nas rendas.

O que mais chama a atenção quanto à debilidade das bases econômicas do poder imperialista dos Estados Unidos é a falta de uma compreensão perspicaz ou coerente por parte da direita. Nem Huntington, Brzezinski, menos ainda Yergin, Luttwick ou Friedamn viram uma pista sobre o iminente colapso especulativo, ocupados que estavam propagando suas ilusórias crenças na sustentável capacidade do império estadunidense.<sup>41</sup> Huntington andava na sua, elaborando um suposto “enfrentamento de civilizações” (mundo muçulmano *versus* mundo cristão), justo quando os mais fiéis aliados de Washington eram a Turquia muçulmana e o Egito no Mediterrâneo oriental, Marrocos no norte da África, Arábia Saudita no Oriente Médio, Paquistão no sul da Ásia, etc. Fukuyama teve que enfrentar a bancarrota de sua noção do “fim da história”, retratando-se de sua celebração da democracia liberal e dos mercados livres, mas sem desenvolver nenhum outro adorno teórico para embevecer o poder imperial no novo período. Entre parênteses: é irônico que Fukuyama tenha começado a colocar em julgamento a solidez da hegemonia norte-americana, ao mesmo tempo que seus supostos contraditores de esquerda (os “prostrados”) tentam revivê-la.

Brzezinski, sem a União Soviética, tece visões estratégicas de novos desafios e ameaças infundadas, ignorando a decomposição econômica interna a poucas quadras de distância de seu velho baluarte da Universidade de Colúmbia. É verdade que ainda pode oferecer uma lógica histórico-teórica para as operações secretas na Chechênia e em outras repúblicas da ex-União Soviética, para sustentar no poder as máfias dependentes de Washington. Quanto aos demais, Yergin e Friedman (o jornalista), pouco têm a dizer diante do colapso de sua visão de uns Estados Unidos tecnologicamente avançados e retendo o poder mundial. A visão de milionários de Main Street, empresários e operadores adolescentes de Wall Street, compartilhando todos uma crescente opulência, foi pelo ralo. Do mesmo modo, diante de milhões de aposentados dos Estados Unidos que perderam seus planos de saúde privados, outros milhões de antigos

beneficiários de seguros-desemprego que não podem sobreviver com empregos de um salário mínimo, e diante de dezenas de milhões cujos dividendos de ações se transformaram em amargas recordações, as pretensões de Yergin e Friedman acerca da superioridade dos Estados Unidos diante do atraso da Europa (em particular da França), quanto à manutenção da cobertura social, se transformaram numa piada de mau gosto.

Os avanços e desafios da esquerda diante da dominação mundial dos Estados Unidos e o colapso do engano da supremacia econômica norte-americana baseada na revolução da informática são um chamado para se pôr fim à política de prostração da esquerda. Hoje há numerosos ativistas e intelectuais críticos que dos anos 1960 aos anos 1990 estiveram produzindo críticas políticas diretas e fazendo análises para saber onde o mundo esteve e onde está agora, e estão também elaborando alternativas num “fluido estilo popular”. Nos Estados Unidos e no Canadá, intelectuais ativistas como Jim O’Connor trabalharam sobre a crise ecológica do capitalismo. Bob Fitch produziu uma brilhante desmistificação da globalização como “globaloney”, Maurice Zeitlin o fez sobre a estrutura de classes nos Estados Unidos, Chomski e Petras sobre a política externa norte-americana, Magdoff sobre o imperialismo norte-americano, Meiksin sobre a análise de classes, Howard Zinn, Leo Panitch e Mike Parenti trabalharam sobre a história política e os meios de comunicação.

Em nível internacional estão Sebastião Salgado, um fotógrafo do trabalho de nível mundial, o escritor José Saramago, o crítico político-literário Michael Lowy e muitos outros intelectuais políticos que geraram críticas amplas e elaboram alternativas à dominação imperialista dos Estados Unidos, ao mesmo tempo que trabalham profundamente comprometidos

com as lutas populares. A esquerda dos anos 1990 possui alguns dos mais salientes estrategistas políticos da última metade do século XX, incluindo o brilhante líder político-militante das Farc da Colômbia, Manuel Marulanda, provavelmente o

melhor em sua área desde o comandante vietnamita Giap; também o brilhante tático do movimento de granjeiros ativistas franceses, Bové; o importante teórico do MST do Brasil, João Pedro Stedile, o populista e antiimperialista americano Ralph Nader (capaz de obter 3 milhões de votos contra todas as previsões).

O poder é uma relação, não uma posição estática numa hierarquia organizacional. O império dos Estados Unidos está sustentado num conjunto de relações instáveis e em mudança, com um vasto ordenamento de forças heterogêneas. O poder das idéias, incluindo as idéias da classe dominante imperial, está imerso nessa relação conflitiva de classes. Ao mesmo tempo, é certo que a ascendência (confrontada) do poder imperialista inclui o controle sobre os meios de comunicação de massa para disseminar suas idéias (e seduz setores da *intelligentsia* da ex-esquerda com a persuasão do poder), também há que se dizer que o dogma neoliberal esteve em constante confronto sob todos os ângulos. Isso foi de tal magnitude que as classes dominantes buscaram disfarçar sua opressão cooptando a linguagem da esquerda, o que alguns comentaristas descrevem como “populismo de mercado”.<sup>42</sup>

## PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Para a próxima década, a esquerda tem que continuar desenvolvendo seu enfoque sistemático e específico, deixando de lado o pessimismo romântico que se esconde por trás de grandes generalizações difusas carentes de substância. A *intelligentsia* de esquerda deve identificar os atores de classe das vitórias e derrotas do neoliberalismo, as relações de classe e a violência estatal que sustenta o imperialismo euro-norte-americano, por trás do seu véu persuasivo. Acima de tudo, os esquerdistas têm que analisar a nova intensificação das contradições e as crises que estão emergindo tanto nos Estados Unidos como aquelas que estão se dando atualmente na Ásia, América Latina e nos antigos países comunistas, e como estas vão atingir os Estados Unidos.

A esquerda tem que rejeitar a ostentação da novidade como uma desculpa para se adaptar à ascensão neoliberal. A doutrina da Terceira Via lança suas raízes nas primeiras e falidas doutrinas reformistas do princípio do século XX. Nem Bernstein nem depois Kautski entenderam a relação

O poder é uma relação,  
não uma posição estática  
numa hierarquia  
organizacional.

entre capitalismo, imperialismo e guerras imperialistas, assim como tampouco entenderam a tendência imanente às crises, a polarização de classes e o poder fascista. A atual versão da Terceira Via não possui nenhum dos aparentes estereótipos reformistas das primeiras versões, mas, ao contrário, todos os seus vícios reacionários: estender a todos os campos o programa neoliberal, ao mesmo tempo que solapa o nível de vida e se aprofundam as desigualdades. Subsistem hoje poucas ilusões a respeito da natureza reacionária da Terceira Via de Blair, Clinton e outros. Pouco se fala disso, hoje que os mercados de ações caem e se contraem os superávits orçamentários. Da mesma forma, o curso direitista da social-democracia europeia é facilmente compreensível para os intelectuais críticos, exceto para os que sofrem de amnésia crônica ou que buscam encher suas teses de que não há alternativas.<sup>43</sup> Ninguém precisa voltar às propostas que os líderes social-democratas da Alemanha (Schneiderman, Noske, etc.) fizeram ao Conselho Administrativo do *Kaiser*, em 1918. Muito mais perto no tempo estava a lista dos social-democratas ingleses, franceses e belgas defendendo violentamente seus impérios coloniais na Argélia, Quênia, Chipre, Indochina, Congo e outros locais. A colaboração servil com os Estados Unidos na construção da Otan, suas constantes posições pró-alianças atlânticas provocaram, inclusive na direita tradicional, uma forte crítica. Afirmar que a adoção por parte dos social-democratas do modelo americano é uma “novidade histórica mundial” é negar o legado histórico da social-democracia, sua pronunciada propensão à adulação interesseira, em particular do trabalho inglês.

Toda a estrutura do Estado de bem-estar teve menos a ver com os programas da social-democracia e mais com os desafios que o bloco comunista impôs, a militância sindical posterior à Segunda Guerra Mundial e a presença dos partidos comunistas e dos movimentos de pressão extraparlamentar de esquerda. Com o desaparecimento do bloco soviético, a diminuição da esquerda extraparlamentar e a transformação dos líderes sindicais em dependentes do Estado, os líderes da social-democracia europeia – com algumas notáveis exceções – podem competir com a direita pela



Tony Blair

lealdade aos magnatas financeiros e industriais. Jospin na França é uma exceção parcial que confirma a regra. Eleito como resultado de uma greve de funcionários públicos, pressionado por fortes movimentos extraparlamentares e pelo partido comunista parlamentar, concedeu em princípio as 35 horas de trabalho semanal, combinando-as com uma agressiva privatização, liberalização e legislação trabalhista “flexível”.

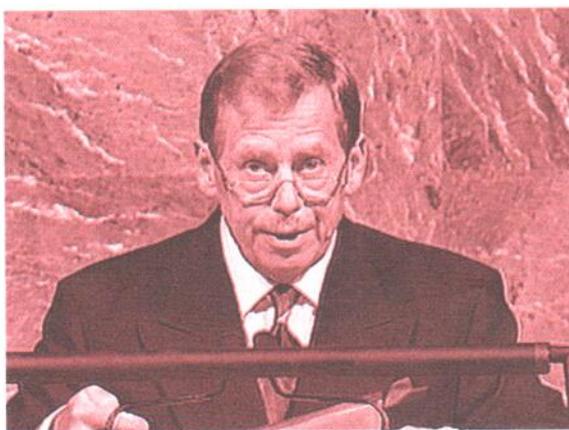
Se o fato mais significativo dos anos 1980 foi a desintegração do bloco soviético e dos regimes comunistas, o fato mais saliente dos anos 1990 é constituído pelas condições socioeconômicas catastróficas, os níveis de pilhagem e corrupção sem precedentes e as instituições repressivas que surgiram da transição para o capitalismo na Rússia e nos antigos países comunistas da União Soviética. Só na Rússia se contam 10 milhões de “desaparecidos”, que de outro modo teriam habitado o país de acordo com as projeções demográficas de 1987.

Milhões morreram prematuramente por doenças, estresse, suicídio e alcoolismo como resultado da falta de trabalho, da pobreza e do abandono do sistema público de saúde. Enquanto taticamente o regime pró-capitalista de Putin permanece firmemente no controle, o fracasso total da transição capitalista sob a “hegemonia” dos Estados Unidos ressaltou com dramáticos contrastes os traços positivos da antiga economia planificada e coletivista. A pilhagem ocidental das economias dos ex-países comunistas, o comércio maciço do tráfico de mulheres e imigrantes, o reinado de uma parasitária oligarquia milionária que lava sua riqueza ilícita na Europa, nos Estados Unidos e Israel certamente deram substância às noções sobre o imperialismo ocidental e à rapacidade capitalista. Mais convincente do que uma tonelada de folhetos da era comunista, a experiência dos povos da ex-União Soviética com o imperialismo euro-norte-americano realmente existente desfez anos de incredulidade na retórica burocrática soviética e a crédula confiança na propaganda ocidental.

Esse deslocamento histórico-mundial da opinião popular tem importância estratégica na reconstrução de uma perspectiva socialista para o Leste. Inclusive

no Leste, baluarte dos Estados clientes pró-ocidentais, sua incorporação e subordinação à Otan e aos Estados Unidos provocou oposição, demonstrações em alguns casos de uma revitalização da influência comunista. Na República Checa, Grovel Havel é mais apreciado entre os literatos de Londres e Nova York do que em Praga, onde o Partido Comunista está se transformando rapidamente no principal partido de oposição. A rejeição generalizada ao liberalismo e ao imperialismo norte-americano e o crescimento de um socialismo programático *sans* stalinismo é um evento histórico-mundial. A questão teórica não consiste em salientar com certeza a hora e o local de um novo levante revolucionário, mas em localizar a direção da história e rejeitar a fácil crença de que qualquer derrota da esquerda é uma irreversível derrota histórico-mundial.

O propósito deste ensaio não é envolver-se num jogo intelectual de enumerações – uma contra a outra – de ofensivas da esquerda contra a ampla lista de derrotas feita por intelectuais “prostrados”. Dada a superficialidade destes últimos seria uma contribuição fácil, mas não realmente significativa, ao esclarecimento do presente em vista do alcance da luta no futuro. Muito menos recorreríamos às sandices baratas dos intelectuais “prostrados” para justificar sua inanição ou sua falta de compromisso com as lutas que estão se dando. Diante do futuro, temos que reconhecer que há numerosos becos sem saída intelectuais. Devemos reconhecer as barbaridades cometidas hoje em dia em nome das vitórias ocidentais, da hegemonia, da democracia da liberdade de mercados: a prematura morte de 10



Vaclav Havel

milhões de russos; 20 milhões de africanos vítimas da Aids, privados de remédios pelas corporações farmacêuticas multinacionais, apoiadas por seus governos; o assassinato de 1 milhão de crianças iraquianas pela guerra e pelo bloqueio anglo-norte-americano; os 300 milhões de latino-americanos que vivem na pobreza; e as dezenas de milhares de colombianos mortos graças ao treinamento e apoio militar estadunidense. Qualquer um poderia continuar somando a lista, mas uma coisa é clara: tanto no Leste como no Sul a barbárie é um componente integrante do imperialismo norte-americano.

Na discussão sobre o que se deve fazer diante da barbárie imperialista é útil recordar os últimos dias do império romano, uma época como a nossa, cheia de tiranos, saques, corrupção e flagrante ostentação de riqueza diante da miséria. As similitudes com a barbárie atual são óbvias e também são óbvias as respostas daqueles que julgam repugnante o império, total ou parcialmente. Há muitas e variadas respostas intelectuais à barbárie imperialista, dependendo das condições sociais e das predisposições políticas de cada um. Os *estóicos* entre nós experimentam a repulsa diante da irracionalidade do império, sua brutalidade militar e sua dominante imoralidade. De todos os modos, se sentem politicamente impotentes e declaram que qualquer resposta política é inútil. Fecham-se, então, em pequenos círculos de amigos ou de indivíduos afins, com os quais conservam a chama da racionalidade. Mantêm suas lealdades pessoais nos interstícios do sistema, com um módico conforto, igualmente distantes tanto dos poderes imperiais como das massas degradadas. Seus debates acerca dos estudos culturais e a relação entre pós-modernismo e marxismo são tolerados e ignorados pela elite e resultam incompreensíveis e distantes das massas. Em poucas palavras, eles vivem por e para si mesmos.

Os *clínicos* não rejeitam a barbárie sangrenta, a vulgaridade cultural nem a pilhagem predatória do império: só igualam vítimas e agressores. Condenam tanto as vítimas do imperialismo como os predadores imperialistas como igualmente ambiciosos (doentes de “consumismo”). Para os *clínicos* a solidariedade social dos explorados é um subterfúgio do fraco para tirar vantagem e reverter os papéis. Para eles, a diferença entre explorados e exploradores é somente uma questão de oportunidade e

circunstâncias. Os *cínicos* levantam seu dedo acusador diante das revoluções fracassadas, da rotação das elites, dos explorados que se transformam logo em exploradores, as vítimas de genocídio que posteriormente praticam o genocídio, tudo isso para justificar o fato de enfiarem seus sensíveis focinhos nos bebedores do império. Porém, mais comumente ainda, os *cínicos* tornam-se esquerdistas arrependidos: sua ocupação predileta é arranjar testemunhos das perversões dos movimentos de libertação. Essa é uma especialização que lhes oferece lucrativos honorários e, muitas vezes, um lugar de docente em alguma universidade euro-norte-americana.

Outra postura intelectual familiar é a de esquerdistas (ou ex-esquerdistas) que se aprofundam nas derrotas históricas e encontram nelas um pretexto para o que chamam de um acomodamento realista ou pragmático diante do *status quo*. Ao mesmo tempo que dramatizam as perdas, como derrotas históricas profundas e irreversíveis, fracassam ao não reconhecer as novas lutas revolucionárias que estão surgindo no Terceiro Mundo e no Ocidente, os novos movimentos sociais que se opõem a OMC, os movimentos de produtores ativistas e trabalhadores do transporte, os movimentos de massa de produtores e consumidores que rejeitam as corporações que defendem os alimentos e as sementes alterados geneticamente, etc. Seu *pathos* pessimista se torna um alibi para a inanição e a falta de compromisso ou uma passagem sem retorno para a política liberal, já que é considerada como o único *show* na cidade. Os ideólogos do império não recusam oferecer uma plataforma ocasional aos pessimistas, esperando que sua postura crítica possa atrair uma audiência entre os jovens rebeldes e que seu pessimismo possa desmoralizá-los, desorientá-los e desarmá-los.

Os intelectuais críticos, mas prostrados, adquiriram uma certa notoriedade entre as classes ilustradas. Esses intelectuais se mostram horrorizados perante a ostentação de opulência diante de tanta pobreza. O horror do neoliberalismo evoca a indignação diante das bárbaras práticas do imperialismo. Contudo, essa indignação é acompanhada de uma lamúria quando se trata de articular uma alternativa. Depois de tanto choro indignado, acabam apelando para as elites para que mudem suas maneiras. As ornamentações retóricas, a exposição das mentiras do império são substituídas

por novos enganos: a idéia de que alguém, em algum lugar da estrutura do poder, vai transformar a barbárie num generoso Estado de bem-estar. Essa combinação de violenta indignação com o apelo à má consciência dos operadores do poder imperialista não é outra coisa senão uma obsessão de políticos de baixo nível, uma excelente fórmula de *best-seller*. Isso gera uma catarse de indignação nas classes educadas, sem exigir-lhes qualquer sacrifício.

Em flagrante contraste com as posturas intelectuais anteriores há um intelectual irreverente, irreverente para com os protocolos acadêmicos e que não se impressiona com os títulos de prestígios e com os prêmios. Ao contrário, são respeitosos para com os militantes que estão na linha de frente das lutas anticapitalistas e antiimperialistas. São constantes e produtivos em seu trabalho intelectual, que em grande parte é motivado pelos grandes temas caros às lutas do movimento. São anti-heróis com capacidade de rir-se de si mesmos, cujo trabalho é visto com respeito pelo povo que trabalha ativamente por uma radical transformação social. Esses intelectuais são objetivamente partidistas e “partidisticamente” objetivos. Os intelectuais irreverentes discutem e ouvem os pessimistas e outros intelectuais, sem prestar atenção em títulos e pretensões, para ver se têm algo valioso a dizer. Para os intelectuais irreverentes e comprometidos, o prestígio e o reconhecimento vêm dos ativistas e dos intelectuais do movimento, que estão envolvidos nas lutas populares. Eles trabalham com esses intelectuais e ativistas.

Realizam suas investigações buscando fontes próprias de informação. Criam seus próprios indicadores e conceitos, por exemplo, para identificar a real profundidade da pobreza, da exploração e da exclusão. Reconhecem que há alguns intelectuais de instituições prestigiadas, intelectuais que inclusive foram premiados, que estão claramente comprometidos com as lutas populares e sabem que essas exceções devem ser salientadas, mas ao mesmo tempo reconhecem que há muitos outros que

Os intelectuais críticos,  
mas prostrados, adquiriram  
uma certa notoriedade  
entre as classes  
ilustradas.

escalam as ladeiras acadêmicas e sucumbem aos afagos do reconhecimento burguês. Os intelectuais irreverentes admiram Jean-Paul Sartre, que rejeitou o Prêmio Nobel em meio à Guerra do Vietnã. Na maior parte dos casos, os intelectuais irreverentes lutam contra a hegemonia burguesa dentro da esquerda e integram seus trabalhos e ensinamentos na prática, evitando lealdades divididas.

O imperialismo euro-norte-americano combina a violência e as ameaças de violência contra os movimentos de massas e os regimes que se opõem à ordem mundial e à dissuasão e neutralização com os grupelhos de intelectuais marxistas ocidentais. Estes últimos tipicamente universalizam sua própria condição, tratando o império como se fosse uma grande sociedade de debates. Como afirmou Perry Anderson: “a força desta ordem [hegemônica] não está na repressão, mas mediante a dissuasão e a neutralização”,<sup>44</sup> o que

seria uma novidade para centenas de palestinos, vários milhares de iugoslavos, dezenas de milhares de colombianos e centenas de milhares de iraquianos, todos eles mortos.<sup>45</sup>

Objetivamente o poder imperialista dos Estados Unidos está calcado em bases muito frágeis: uma economia de bolha que está em colapso, uma economia quase tributária e dependente em grande escala dos fluxos externos do capital especulativo para compensar enormes e insustentáveis déficits comerciais, uma economia doméstica impulsionada pelo consumo e na qual os lares estão superendividados e com poupança negativa, um império sem apoio popular às guerras no exterior e uma “nova economia” fictícia baseada em empresas sem produtos, sem lucros e muitas delas sem rendas.

É igualmente importante destacar que aumentou a polarização de classes entre os milionários donos dos meios financeiros, de produção e especulação e a maioria da população; a diferença de rendas entre um alto executivo e um trabalhador passou de 80/1 para 470/1 em três décadas; mais de 80% dos eleitores dos Estados Unidos não crêem que

seu voto importe e acreditam que as grandes empresas dominam a esfera da política, o que alguns analistas políticos poderiam chamar de uma crise de legitimidade; os benefícios sociais que foram obtidos ao longo de gerações e os empregos qualificados foram assaltados ferozmente.

A desregulamentação nos serviços públicos levou a aumentos de preços sem restrição, empobrecendo os consumidores. O imperialismo de hoje não criou uma “aristocracia de trabalhadores”. A uma classe média proletarizada restringiu-se a seguridade social e, em troca, foram oferecidos benefícios “privilegiados”, mas carentes de valor (as ações da Nasdaq são utilizadas para cobrir paredes ou, melhor ainda, são recicladas como papel higiênico). A velha-guarda dos líderes dos movimentos de minorias étnicas, sexuais e ecológicas dos anos 1960 e 1970 e os intelectuais “prostrados” de meia-idade que aproveitaram a onda para pegar carona na Terceira Via foram substituídos por uma nova direção, mais ativista, anticorporativa, antineoliberal e por um crescente número de ativistas extraparlamentares e anticapitalistas.

A verdade é que não há consenso a respeito das alternativas. Essas percorrem uma gama que vai desde economias controladas por e baseadas na comunidade até o socialismo baseado nos trabalhadores e consumidores, desde mudanças nos regimes de propriedade até o regresso às regulações públicas. É próprio de míopes criticar que os movimentos setoriais não são consistentes com qualquer movimento coletivo idealizado ao gosto dos intelectuais da esquerda festiva do Soho. O surgimento de coalizões e ações conjuntas, os foros e diálogos comuns tampouco equivalem a uma nova versão do partido da classe operária de Lênin ou Keir Hardey, mas são um princípio.

O internacionalismo crescente (sem oráculos de ultramar ou centros revolucionários) evidenciado nas ações conjuntas norte-sul de camponeses do Terceiro Mundo e de granjeiros da Europa é promissor. Há enormes desafios para se criar uma nova consciência socialista revolucionária, para generalizá-la e alcançar milhões que se mobilizam, para organizar e oferecer uma nova teoria abrangente que produza um diagnóstico e uma direção estratégica. Uma coisa está clara: o progresso intelectual dessa florescente esquerda não dependerá de modas ou fobias de intelectuais “prostrados”,

Os intelectuais irreverentes discutem e ouvem os pessimistas e outros intelectuais, sem prestar atenção em títulos e pretensões, para ver se têm algo valioso a dizer.

que comandam de seus postos localizados em periódicos de esquerda, sem contato com a realidade. A luta por reformas nesse movimento está ligada a desafios estruturais contra o império e, em alguns casos, contra o regime de propriedade.

Enquanto os defensores das corporações lançam campanhas de propaganda inclusive tomando emprestada a linguagem da esquerda para promover a ciência ligada ao controle e à exploração genética, de plantas, etc., a esquerda contra-ataca expondo a natureza manipuladora e irreflexiva da engenharia das grandes empresas.

Contra a adesão irresponsável por parte dos propagandistas das corporações (e de um punhado de esquerdistas) ao desenvolvimento das forças produtivas (ou destrutivas), a esquerda traiu o foro de centralidade das relações sociais de produção como definidoras do significado, conteúdo e conseqüências do trabalho científico e da investigação avançada. Nisso, a esquerda que está surgindo continua e aprofunda o trabalho e a prática que vem se fazendo há meio século. Resta uma grande quantidade de trabalho por fazer, particularmente no campo da clarificação ideológica, mas muito já se conseguiu no diagnóstico do imperialismo, descobrindo-se suas debilidades e criando novos movimentos radicais.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Perry Anderson, um dos intelectuais de esquerda de maior influência no mundo anglo-saxão, escreveu o mais conciso e polêmico ensaio sobre esse particular, ao definir uma nova direção para sua revista, *New Left Review*. Nesse ensaio defende a tese da completa dominação do império norte-americano (o que denominou “hegemonia dos Estados Unidos”) e da evidente derrota e desintegração da esquerda. Não obstante, sua afirmação é profundamente errada, tanto do ponto de vista do método como da teoria e da análise, levando-o a um injustificado retrocesso e a uma espécie de política centrista apolítica. O presente ensaio foi escrito para refutar seus argumentos, mas, além do mais – o que é mais importante ainda –, para definir uma perspectiva teórica alternativa. Ver Perry Anderson, “Renewals”, em *New Left Review*, nº 1 (new serie), jan.-fev. de 2000, pp. 5-24.
- <sup>2</sup> *Ibid.*, pp. 9, 12, 15, 19, 24.
- <sup>3</sup> C. Wright Mills, *The Power Elite* (Nova York: Oxford University Press, 1956).
- <sup>4</sup> Ver Perry Anderson, “Renewals”, cit., pp. 6-11. Ainda que o ensaio de Anderson seja dedicado em sua maior parte a definir uma nova direção para sua revista (*New Left Review*), no que diz respeito tanto à forma como ao conteúdo, ao realizá-lo tenta traçar um contexto histórico-político das últimas décadas.
- <sup>5</sup> O ataque de Anderson contra a produção teórica ou cultural

comprometida com as políticas de luta de classes e sua defesa das posturas reacionárias só para os iniciados e que “buscam a arte pela arte” se manifesta em afirmativas como: “As tentativas para recrutar (*sic*) qualquer campo teórico ou cultural a serviço de propósitos instrumentais (*sic*) resultará sempre fútil ou contraproducente [...] A *New Left Review* publicará artigos sem consideração alguma por sua imediata relação, ou falta dela, com agendas radicais familiares (*sic*).” A utilização por parte de Anderson de termos pejorativos para caricaturar os intelectuais-ativistas e distorcer os temas em discussão é uma constante em seu ensaio e mostra que o que lhe falta em substância é preenchido por uma ênfase polêmica. Ver Perry Anderson, “Renewals”, cit., p. 23.

- <sup>6</sup> Na página 7 de seu ensaio, Anderson coloca a etiqueta de conformismo nos anos 1950.
- <sup>7</sup> Jean-Paul Sartre, *Sartre on Cuba* (Nova York: Ballantine, 1961); Paul Sweezy & Leo Huberman, *Cuba: Anatomy of a Revolution* (Nova York: Monthly Review, 1960).
- <sup>8</sup> Eric Wolf, *Peasant Wars in the Twentieth Century* (Nova York: Harper and Row, 1969).
- <sup>9</sup> Régis Debray, *Revolution in the Revolution* (Nova York: Monthly Review, 1967). Para uma leitura crítica desse livro, ver *Régis Debray and the American Revolution* (Nova York: Monthly Review, 1968).
- <sup>10</sup> Ver Anderson, Ver Perry Anderson, “Renewals”, cit., p. 18. Ao largo de seu ensaio, Anderson mostra tendência em ignorar os escritores que estão fora de seu estreito círculo de colaboradores, apesar de possuírem competência e profundidade. Por exemplo, no campo dos estudos sobre meios de comunicação, Schiller, Parenti e Herman produziram trabalhos muito mais significativos do que Debray; contudo, só este é citado.
- <sup>11</sup> Louis Althusser, *Reading Capital* (Londres: NLB, 1970).
- <sup>12</sup> E. P. Thompson, *The Nation*, 26-2-1983 e 16-4-1983.
- <sup>13</sup> James Petras e Morris Morley, “The Errors of Edward Thompson”, em *End Papers*, nº 6, inverno de 1983-1984, pp. 105-107.
- <sup>14</sup> Entre as críticas mais virulentas à renovação da esquerda nos anos 1960, e em oposição à revolução indochinesa, estava a do escritor norte-americano Irving Howe e de sua revista *Dissent*.
- <sup>15</sup> Sobre o significado revolucionário do rock, escreve Anderson: “Os grandes marcos do período [os anos 60] foram o surgimento da música *rock* como a onda de som dominante [*sic*] da revolta juvenil [...] uma forma popular subjacente à exigência tanto de ruptura como de levantamento social.” Desde o *pop-rock* nos anos 1960 até a ciência *pop* dos anos 1990, Anderson segue o caminho trilhado que vai dos gurus da contracultura do primeiro período aos populistas de mercado dos anos 1990.
- <sup>16</sup> Todd Gitlin, *Sixties: Years of Hope, Days of Rage* (Nova York: Bantam Books, 1987).
- <sup>17</sup> Ver Thomas Frank, *One Market Under God* (Nova York: Doubleday, 2000). O capítulo 7, “The Brand and the Intellectuals”, pp. 252-276, é particularmente relevante.
- <sup>18</sup> No original: “turning on and turning in” faz alusão ao lema que Allen Ginsberg, entre outros, difundiu no movimento *hippie*, “turn on, turn in”, que significava afastar-se da “alienação do sistema” e envolver-se no espírito do movimento (nota da edição em espanhol.)
- <sup>19</sup> Entre os escritores desse tipo incluem-se Samir Amin, Günder Frank e Wallerstein.
- <sup>20</sup> Bob Brenner, do conselho de redação da *New Left Review*, numa conversa pessoal com o autor.

- <sup>21</sup> Perry Anderson, em seu habitual estilo hiperbólico, escreve: "O capitalismo americano reafirmou de maneira ressonante sua supremacia em todos os campos – econômico, político, militar, cultural – num *boom* de oito anos sem precedentes [...] quase não há dúvidas o quanto à posição competitiva fundamental das empresas dos Estados Unidos se fortaleceu criticamente" (P. Anderson, ver Perry Anderson, "Renewals", cit., p. 10).
- <sup>22</sup> Em seu ensaio, Anderson manifesta em repetidas ocasiões sua rejeição categórica a uma significativa oposição de esquerda, como para convencer a si mesmo de sua verdade. Ele se pergunta e ao mesmo tempo responde: "Qual é o principal aspecto da década passada? Brevemente, pode ser definido como a consolidação virtualmente incontestada e a difusão universal do neoliberalismo" (p. 10). Poucas páginas adiante repete: "Em geral, o que se fortalece não é a aspiração democrática a partir de baixo, mas a asfixia do debate público e as diferenças políticas a partir de cima" (p. 16). Na página seguinte faz reivindicações mais exuberantes ainda, caindo quase que no derrotismo maníaco: "Pela primeira vez, desde a Reforma, não existe mais nenhum tipo de oposição significativa – isto é, perspectivas rivais sistemáticas – dentro do mundo do pensamento ocidental: e apenas alguma em escala mundial" (p. 17).
- <sup>23</sup> É evidente a atração que os ideólogos de direita e seus escritos exercem sobre Anderson em várias de suas amplas generalizações: "Em contraste [com a esquerda], comandando o campo das construções políticas diretas do tempo, a direita ofereceu uma visão fluida atrás da outra mostrando para onde vai o mundo, onde se deteve [...] – Fukuyama, Bzesinski, Yergin, Luttwak, Friedamn. Estes são escritores que unem uma só e poderosa tese a um estilo popular fluido. Esta classe confiável [...] não tem equivalente na esquerda" (p. 19). Arrastado por seu fervor pelos duros ideólogos de direita, finalmente Anderson conclui que "a crítica mais devastadora contra a expansão da Otan e a Guerra dos Balcãs freqüentemente vem da direita. A *New Left Review* deveria receber bem intervenções como essas" (p. 24). Duvido que Le Pen, Haider, Buchanon tenham tempo ou interesse de escrever para a *New Left*. De qualquer modo, é claro que Anderson não está se referindo à respeitável direita quando fala de sua "crítica devastadora", já que os escritores mencionados apóiam todos a expansão da Otan, etc.
- <sup>24</sup> Anderson, em sua anti-séptica linguagem de academia, escreve acerca da esquerda: "[...] a maior parte das tensões entre os impulsos rebeldes [*sic*] ou anômalos [*sic*] a partir de baixo e a ordem estabelecida foi absorvida toda vez que o mercado em grande medida apropriou e institucionalizou a cultura juvenil, do mesmo modo que envolveu as primeiras práticas de vanguarda (dos anos 1960): mas [...] desta vez de uma forma muito mais abrangente" (p. 20). As incursões mal-informadas de Anderson pelo jargão psicológico ao discutir sobre a esquerda ("impulsos anômalos e rebeldes") e sua posterior mistura dos grandes movimentos de sindicatos, camponeses e estudantes com a "cultura juvenil" para argumentar em favor de uma absorção geral [dos mesmos por parte do sistema capitalista] colocam em relevo a decadência de sua capacidade analítica.
- <sup>25</sup> Anderson oferece uma lista de derrotas da esquerda, entre as quais inclui estranhamente a estagnação econômica do capitalismo japonês (pp. 10-12).
- <sup>26</sup> James Burnham, *Managerial Revolution: What is Happening in the World* (Nova York: John Day, 1941); Charles Lindbergh descreveu o fascismo como "a onda do futuro" nos anos 1930.
- <sup>27</sup> Anderson subestima grosseiramente o papel da violência como sustentação do que chama de "hegemonia dos Estados Unidos". "A força desta ordem [norte-americana] se sustenta não na repressão, mas no debilitamento e neutralização, e até o momento maneja novos desafios com equidade" (p. 16). Aqui, novamente, nos chocamos com as tentativas de Anderson de dar profundidade ao banal por meio da adoção de uma terminologia pseudocientífica.
- <sup>28</sup> O abuso que Anderson faz do termo "hegemonia", para cobrir todas as instâncias da dominação imperial, constitui um flagrante erro, dada a penetração da violência, aberta ou mascarada, que caracteriza a supremacia mundial dos Estados Unidos durante a década passada.
- <sup>29</sup> Os prostrados não são necessariamente promotores do poder imperialista dos Estados Unidos; entre eles se incluem escritores incapazes de reconhecer outra realidade a não ser aquela do poder imperial; estão imbuídos de um sentido de veneração e impressionabilidade diante dos escribas e publicistas e albergam uma profunda e enraizada hostilidade aos "não-crentes" envolvidos na luta contra o império.
- <sup>30</sup> Um caso típico dos excessos polêmicos de Anderson ao analisar os movimentos verde e feminista, profundamente divididos, encontra-se na seguinte frase: "A performance das feministas nos Estados Unidos e dos verdes na Alemanha – onde cada movimento é mais forte –, umas a serviço de Clinton na Casa Branca e outros a serviço da guerra da Otan nos Balcãs, fala por si mesma" (p.16).
- <sup>31</sup> Para uma análise detalhada das novas tendências revolucionárias na América Latina ver meu *The Left Strikes Back: Class, Conflict in the Age Neoliberalism* (Boulder: Westview, 1999), pp. 11-57.
- <sup>32</sup> A desorientada profecia de Perry Anderson presumivelmente é baseada em sua amizade com Fernando Henrique Cardoso de 25 anos atrás ou relacionada com sua confiança na capacidade intelectual superior dos ideólogos da direita.
- <sup>33</sup> Entre 19 e 21 de janeiro de 2000 uma greve geral e uma ampla coalizão de indígenas, camponeses e militares de patente média tomaram de fato o parlamento e estabeleceram um regime popular de curta duração. Parecidas demonstrações de poder das massas que enfrentam os regimes subservientes dos Estados Unidos se deram na Bolívia com um resultado de dezenas de mortos e o recuo de implementação de políticas neoliberais. De igual modo, no Paraguai uma aliança de estudantes, camponeses e sindicalistas impediu o retorno do governo ditatorial. Dizer que isso não tem importância, que não representa nenhuma medida de "oposição real", é cair numa real ou não intencionada apologia. A primeira regra do realismo consiste em reconhecer o poder, inclusive de que este vem de baixo e do Terceiro Mundo.
- <sup>34</sup> Ver a ladainha de Anderson sobre os traços dos ativistas de esquerda hoje em dia, pp. 13-14. O que falta a Anderson em percepção do surgimento de movimentos sociopolíticos, ele preenche com jargão psicológico, uma versão da – já fora de moda – argumentação *ad hominem*. Ao caracterizar os ativista-intelectuais de esquerda como um grupo comprometido com uma espécie de política de "consolação", escreve: "[...] há uma tendência humana natural de tratar de buscar e encontrar escudos de prata diante do que de outra maneira pareceriam um meio ambiente hostil e esmagador. A necessidade de ter alguma mensagem de esperança induz à propensão para superestimar o significado de processos de oposição, a colocar capacidade desinteressada em ações inapropriadas, a alimentar ilusões na existência de forças imaginárias. Também é certo que nenhum movimento político pode sobreviver sem oferecer alguma quota

- de descanso emocional a seus seguidores, que em períodos de derrota inevitavelmente implica elementos de compensação psicológica” (p.13). Se bem que podemos desculpar o excessivo cinismo e as maquinações manipuladoras que o professor Anderson imputa aos líderes de massa populares, somos obrigados a repudiar uma postura que substitui por jargão psicológico o que deveria ser o debate honesto e a discussão de programas, teorias e estratégias com ativista-intelectuais.
- <sup>35</sup> O professor Anderson, ao mesmo tempo que galantemente despreza milhões de manifestantes que protestam na Índia e milhares na França que atacam a GM (“Todavia não aparece no horizonte nenhuma gestão coletiva capaz de igualar o poder do capital”), aperta as mãos dos jornalistas da Monsanto: “Estamos numa época em que, como vislumbra a engenharia genética, a única força revolucionária no presente, capaz de modificar seu equilíbrio, parece ser o próprio progresso científico [...]” (p. 17). A crença de Anderson na ciência, divorciada da estrutura de classes e do poder do Estado, que definem tarefas e usos da investigação científica e seus descobrimentos, e sua aceitação acrítica da engenharia genética resultam muito curiosas para justificar muitos comentários.
- <sup>36</sup> De acordo com o professor Anderson, os benefícios e reformas obtidos pela luta dos movimentos feministas e ambientalistas de massas “demonstraram ser compatíveis com as rotinas [sic] da acumulação” (p. 16).
- <sup>37</sup> Robin Blackburn, “Cuba on the Block”, em *New Left Review*, nº 4, jul.-ago. de 2000, pp. 5-37. Há muita coisa valiosa nesse artigo, mas é muito fraco em referência aos confrontos de Cuba contra a hegemonia dos Estados Unidos.
- <sup>38</sup> Giovanni Arrighi, *Long Twentieth Century* (Londres: Verso, 1994). Baseado numa análise histórico-teórica equivocada, Arrighi afirmava que “já é uma realidade o deslocamento de uma ‘velha’ região (América do Norte) para uma ‘nova’ região (Leste asiático), como o maior centro dinâmico dos processos de acumulação do capital em escala mundial” (p. 322).
- <sup>39</sup> Ver Perry Anderson, “Renewals”, cit., p. 19.
- <sup>40</sup> Martin Wolf, “Not So New Economy”, em *Financial Time*, 1º-8-1999, p. 10. Robert Gordon, “Has the New Economy Rendered the Productivity Slowdown Obsolete?”, junho de 1999, <http://faculty-web.at.nwu.edu/gordon/researchhome.htm>
- <sup>41</sup> Perry Anderson descreve esses ideólogos da direita e suas publicações polémicas como se segue: “As doutrinas da direita, que teorizaram o capitalismo como uma ordem sistemática, mantêm sua rude fortaleza. Aqueles que sempre acreditaram no valor prioritário da liberdade de mercados e na propriedade privada dos meios de produção incluem muitas figuras de peso intelectual” (p. 16). Em contraste, descreve os ativistas intelectuais de esquerda como “estéreis maximalistas”, cheios de “compaixão” e eufemismos, que “dão crédito a ilusões, sustentando mitos conformistas” e que “confundem o desejável com o factível” (p. 14). Atenção, Anthony Giddens! Blair poderia encontrar um novo redator de seus discursos.
- <sup>42</sup> Thomas Frank, *One Market Under God*, cit. Particularmente relevante é o capítulo 2, “A Great Time of What; Market Populism Explains Itself”.
- <sup>43</sup> Como afirma Anderson: “Alguém deveria dizer que, por definição, Tina [Não há outra alternativa] só adquire plena vigência uma vez que um regime alternativo (a Terceira Via social-democrata) demonstre que verdadeiramente não há políticas alternativas” (p. 11). É um absurdo admitir que os social-democratas são uma alternativa e que suas políticas de direita são uma novidade histórica.
- <sup>44</sup> Perry Anderson, *op. cit.*, Robert Brenner põe um pouco em dúvida o exuberante entusiasmo de Anderson pela economia estadunidense. Ver a respeito, “The Boom and the Bubble”, em *New Left Review*, nº 6, nov.-dez. de 2000, pp. 5-44.
- <sup>45</sup> Em toda descrição dos confrontos com o império dos Estados Unidos, seus regimes clientelistas e aliados, se terá que incluir a heróica luta dos palestinos contra o regime colonial de ocupação israelita. Apesar de milhares de vítimas, assassinatos e o criminoso bloqueio imposto pela máquina militar israelita, a Intifada continua, virtualmente sem apoio de qualquer tipo por parte do brilhante círculo de escritores anglo-norte-americanos que publicam nas revistas político-literárias do marxismo ocidental.